

Contribuições dos pensamentos de Paulo Freire e Murray Schafer para a Educação/Pesquisa musical

Artur Costa Lopes¹
UFRJ/MESTRADO/PPGM
SIMPOM: *Educação Musical*
lopes1958@homail.com

Resumo: A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a educação/pesquisa musical atual, procurando fundamentá-la como elemento gerador de conhecimento e transformação individual e social. Através do debate entre algumas premissas de Paulo Freire e Murray Schafer, foram apresentadas alternativas e questionamentos sobre como esses dois autores podem ser pertinentes no que diz respeito à valorização do conhecimento do aluno, bem como sua criatividade, para o processo educacional. Enfatizando princípios como diálogo, relação teoria/prática e autonomia, a pesquisa também apresenta algumas experiências (ARAUJO et al. 2006 e MARQUES, 2008) e que utilizaram, juntamente, os dois autores apresentados.

Palavras-chave: Paulo Freire; Murray Schafer; Autonomia; Diálogo; Teoria/Prática.

Contributions of thoughts of Paulo Freire and Murray Schafer for Musical Education/Research

Abstract: This research proposes a reflection on education / current musical research, looking substantiate it as a generator element of knowledge and individual and social transformation. Through discussion between some premises of Paulo Freire and Murray Schafer, alternatives and questions about how these two authors may be relevant with regard to the enhancement of knowledge of the student as well as their creativity to the educational process were presented.

Emphasizing principles such as dialogue, the relationship between theory / practice and autonomy, the research also presents some experiments (ARAUJO et al. 2006 and MARQUES 2008) and used together, the two authors presented.

Keywords: Paulo Freire; Murray Schafer; autonomy; dialogue; theory/practice.

Introdução

Há tempos, teóricos discutem, com base em diferentes autores e experiências próprias, questões sobre em que medida deve ocorrer autonomia do aluno em sala de aula e

¹ Pesquisa orientada pelo Dr. Samuel Araújo – UFRJ.

como pode ser a relação deste com seu professor. Nessa discussão surgem perguntas que tentam analisar o processo educacional brasileiro em constante transformação, tais quais: Como deve ser essa educação? Como o diálogo igualitário pode funcionar em turmas completamente diferentes? Um mesmo método pode ser aplicado a qualquer público?

Se observarmos a educação musical como uma estrada sem fim veremos que ela deve ser levada tão a sério quanto disciplinas como medicina ou advocacia (SCHAFER, 1991). O respeito pelo profissional e o mesmo para com o aluno, deveriam estar presentes em todos os estágios educacionais.

Uma consideração importante a destacar diz respeito ao fato de que ensinar não deve ser entendido como transferência de conhecimento de uma só fonte, mas, como criação de possibilidades para sua produção e construção. (FREIRE, 1996, p. 12)

Assim, este artigo² procura analisar aspectos pertinentes às maneiras de Paulo Freire e Murray Schafer, refletirem sobre suas experiências, em diferentes contextos. Para tal, o ponto de partida contém três questionamentos: Que pontos seriam mais pertinentes num estudo que relacionasse os pensamentos de Schafer e Freire? É possível que haja contribuição para a educação musical a partir dos princípios de Schafer e Freire? É possível, num estudo de caso, vislumbrar uma educação que privilegie a dialógica e a contextualização?

Dessa forma, os objetivos propostos para essa pesquisa foram apresentar alguns princípios de Freire que estão presentes, de algum modo, na obra de Schafer (ainda que este não se remeta a Freire como referência), destacando três premissas fundamentais: autonomia do aluno, diálogo e relação teoria/prática.

1. Diálogos sobre a educação

Mesmo pensando assuntos que de certa forma são distintos (Freire interessado na educação como um todo, e Schafer mais centrado na questão da educação musical), os dois consideram de extrema importância ouvir o aluno antes de se iniciar qualquer trabalho e, acima de tudo, no cotidiano educacional.

Ao organizar uma espécie de resumo sobre a visão que possui sobre educação musical, Schafer valoriza a criação e a autonomia do aluno, além da experimentação e do não isolamento da música como algo a ser estudado em separado por fragmentos não musicais.

² Esse artigo é uma versão reduzida de meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Música pela UFRJ, em 2011, com título homônimo.

Sendo assim, ele restringe, em três campos, como se realiza seu trabalho na educação musical:

- 1 – Procurar descobrir todo o potencial criativo das crianças, para que possam fazer música por si mesmas.
- 2 – Apresentar aos alunos de todas as idades os sons do ambiente; tratar a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor; e fazer julgamentos críticos que levem a melhoria de sua qualidade.
- 3 – Descobrir um nexo ou ponto de união onde todas as artes possam encontrar-se e desenvolver-se harmoniosamente. (SCHAFER, 1996, p. 284-285).

Em suas propostas, Schafer visa buscar uma maneira prática para que seja claro o entendimento do conteúdo abordado. Através da ação (tocar instrumentos), ele demonstra como pode ser simples e diferente o estudo em grupo mesmo se tratando de temas tão comuns ao aprendizado de música (SCHAFER, 1991). O ideal, para o autor, seria uma dinâmica constante em sala de aula, onde haveria diferentes respostas, indagações e esclarecimentos, até que se chegue a um denominador comum entre todos, porém regido/mediado pelo professor (SCHAFER, 1991).

Segundo Freire, o professor do século XX deve ter a consciência de que “ensinar exige compreender que educação é uma forma de intervenção do mundo” (FREIRE, 1996, p 39) e que, quando se separa o ensino dos conteúdos ao da formação ética dos educandos, está se realizando um retrocesso e não um avanço (FREIRE, 1996). Sendo assim, não bastaria ser um professor apenas dentro da sala de aula, seria de extrema importância um professor ativo que, mesmo sabendo separar sua vida particular de sua profissional, estaria atento de maneira participativa em assuntos relacionados à sua área de atuação: “Não se separa prática de teoria, pensamento de ação, linguagem de ideologia, nem ensino de aprendizagem” (FREIRE, 1996. p. 66).

Em diferentes escritos do autor pernambucano observa-se que é importante analisar cuidadosamente as decisões e atitudes tomadas pelo aluno em sala de aula, pois, só quando se escuta o aluno é que se sabe o que ele pensa. Ou seja, privilegia-se “analisar suas decisões e não, simplesmente, reprimi-las” (FREIRE, 1987. p. 41), desse modo o respeito da leitura de mundo do aluno seria realizado e o mesmo perceberia que o professor também pode fazer parte daquele meio (FREIRE, 1987 p. 45), sendo esse, portanto, um caminho para que o aluno possa ser compreendido. Dessa maneira, os desafios ao educador, por parte do aluno, vão diminuindo, porém, para isso, o professor precisa ter plena consciência de que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p. 17).

Para Schafer, “o ser humano é fundamentalmente antientrópico, isto é, trata-se de um organizador que parte do acaso em direção à ordem” ou, em outras palavras, parte do caos para algo relativamente organizado (SCHAFER, 1991, p. 313). Portanto, observa-se que o aluno “indisciplinado” é, simplesmente, um retrato da sociedade como um todo, desorganizada e desestruturada que se adequa a certos modos de vida e organização conforme suas necessidades e prazeres. Essa afirmação é exemplificada quando os dois autores sustentam que a relação teoria/prática é primordial para que ocorra um processo educacional onde a experimentação e a curiosidade, partindo de algo que o aluno já conheça, podem ser uma forma de início.

É fato que realizar qualquer trabalho partido da prática para somente depois introduzir símbolos esteve/está bastante em voga nos estudos de educação musical do final do século XX e início do XXI. Vários autores, tais quais, Sá Pereira, Zoltán Kodály, Carl Orff, Maurice Martenot e Jacques-Dalcroze valorizam esse artifício, pois afirmam que o aluno internaliza muito mais se vivenciar o conteúdo antes de colocá-lo no papel (ANTUNES, 1990). Murray Schafer, assim como Paulo Freire, como já dito, também prioriza essa questão. No entanto, para eles, a prática deve vir ainda antes, na própria formulação do planejamento, ou seja, na reforma educacional.

A criação (ainda no planejamento) de argumentos possíveis que irão fomentar a curiosidade e interesse dos alunos requer, no mínimo, um breve conhecimento e entendimento sobre os principais gostos e costumes dos alunos em suas individualidades e num todo. Dessa maneira, poderá ser construído de forma mais natural (associações com experiências vivenciadas no grupo, dúvidas individuais, inquietações terceiras, ocorrências do acaso, entre outros) o conteúdo exigido, antes, pela coordenação da instituição. Para tal é primordial que o professor esteja atualizado nos acontecimentos, nas leituras de mundo existentes no seu universo de trabalho, tenha pleno domínio de seu plano de aula e vasto conhecimento do conteúdo, para que, se caso algo que foi pensado anteriormente não dê certo naquele dia, que ele possa improvisar ou saber mudar na hora certa o meio ou mesmo o próprio conteúdo (FREIRE, 1996).

Saber ligar os pontos se torna, então, fundamental, até que se chegue a um “consenso” em conjunto com a turma. Isso se justifica, pois, segundo Freire, grande parte da turma passa a acompanhar o raciocínio conseguindo não apenas reproduzir o que foi proposto, mas entender e saber a função e onde poderá aplicar o que foi vivenciado em sala. Contudo, mesmo que se esteja executando um momento mais narrativo do processo de ensino-

aprendizagem, é importante “fazer com que o aluno esteja sempre acompanhando o pensamento do professor”, passeando junto com ele (FREIRE, 1996, p. 33), apenas dessa forma ele poderá ter condições necessárias de fazer uma pergunta ou comentário coerente com o que está sendo falado e, também, terá coragem de associar a algo já experimentado antes, visto que terá plena consciência do que está ouvindo.

Na introdução de seu livro *A afinação do mundo*, Schafer afirma que “a poluição sonora ocorre quando o homem não ouve cuidadosamente” (SCHAFER, 1997, p 19). Isso pode gerar diversas controvérsias, dependendo do ponto de vista sob o qual for analisado. Primeiramente, temos que pensar o que seria ouvir cuidadosamente, entendendo que esse termo, “cuidadoso”, pode se referir, entre outras coisas, a um ouvir atencioso, direcionado a algo, ou mesmo de maneira a cuidar de algo. Portanto, sendo o homem um ser condicionado cultural, histórica e socialmente (FREIRE, 1996, p. 24), esse ouvir cuidadoso estaria atuando como um “desvio” ao comum, pois, ele começaria a perceber que todos os sons são importantes, dependendo de sua utilização. Além disso, uma das premissas mais utilizadas por Freire é de que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção e sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12). Dessa forma os dois autores se completam, pois, o outro (Schafer) propõe algo na mesma direção, afirmando que seria necessário privilegiar a utilização de sons próximos e comuns aos alunos³ (SCHAFER, 1997).

Observando a “poluição sonora” mais cuidadosamente pode-se, segundo Schafer (1997), diferenciar as paisagens sonoras distintas existentes, criando um repertório, que, se desenvolvido, servirá inevitavelmente para a criação, peça-chave na obra desse autor para que se tenha um maior entendimento musical. O conceito de paisagem sonora viria, conforme o entendimento do aluno sobre esses sons do ambiente fosse se ampliando. No entanto, o homem é um ser inacabado (FREIRE, 1996), por isso esse exercício deve ser constante e cotidiano, visto que a cada dia observamos paisagens diferentes. Como o ser humano está sempre em construção, sendo, ao mesmo tempo, agente ativo da transformação do planeta, a paisagem sonora mundial também é entendida como uma composição indeterminada, (SHAFER, 1997, p. 20), pois ela, além de ser composta por sons da natureza, é, cada vez mais, interferida por sons criados pelo homem.

Portanto, como se observa, é de total consenso (diferenciando, entretanto, as maneiras de aplicabilidade de cada um, e os momentos narrativos e de diálogo e execução) entre eles que a criatividade e experimentação são peças fundamentais para o processo de

³ O autor refere-se a sons do cotidiano do aluno e a sons que ele já escutou (experimentou).

ensino aprendizagem, principalmente na atualidade. Dessa forma, a educação deveria ser dirigida à experiência e à descoberta (SCHAFER, 1991).

2. Schafer e Freire na prática brasileira

Apesar da maioria do texto se referir a educação musical, esse ponto apresenta duas experiências na área de pesquisa, que aqui são entendidas como processos educacionais, pois, apesar de não estarem organizados na maneira formal da escola, são exemplos de como uma pesquisa pode aliar Schafer e Freire através do diálogo e com o objetivo principal de gerar conhecimento e transformação aos indivíduos que participam.

Durante a pesquisa foram revisadas algumas experiências concretas que comprovassem a relevância de analisar Schafer e Freire em conjunto. Dentre essas, foram destacados as de Samuel Araújo (2006) e Francisca Marques (2008). Os dois tiveram aplicações, com metodologia e continuação, por parte de todos os participantes. No entanto, entenda-se continuação não como ficar numa instituição para sempre, mas desenvolver o mesmo ou outros trabalhos ao longo dos anos, no mesmo ou em locais diferentes, seguindo a linha de pensamento freireana de que o homem é um ser inacabado e que a busca pela autonomia deve ser diária e infinita (FREIRE, 1996).

Os trabalhos são bem parecidos, salvo suas particularidades regionais e ideológicas⁴, na sua aplicabilidade, visto que os dois procuram uma visão da etnomusicologia que privilegie uma análise interna dos fatos, onde o pesquisador atua apenas como mediador, diferenciando-se da antropologia tradicional que se torna quase que totalmente parcial ao ocorrido em uma pesquisa (URIBE, 2014). Um exemplo pode ser visto quando é utilizado o conceito de Schafer de paisagem sonora (1991) para “colher dados” de repertório da comunidade realizado pelo Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ na localidade da Maré no Rio de Janeiro (ARAUJO, et al. 2006). Ou seja, a utilização da paisagem sonora para que se organizasse um acervo, por parte do pesquisador externo, e a utilização do mesmo recurso para ideias iniciais de composição e análise do próprio contexto, numa outra fase desse trabalho. Outra associação que pode ser observada nesses dois trabalhos se deve ao fato das (associada a ideias freireanas) pesquisas serem realizadas, tendo como principal premissa a

⁴ A pesquisa presente no texto de Samuel Araújo é referente a sua experiência na comunidade da Maré no Rio de Janeiro com o grupo de pesquisa Musicultura, que debateu, no artigo analisado, as formas de violências (simbólicas) presentes na localidade e sua relação com as sonoridades locais. A de Francisca Marques ocorre em Cachoeira (BA), e tem como um dos desdobramentos a organização do acervo das festas religiosas locais, exposição desse material.

participação ativa de membros da própria comunidade estudada, organizando um debate entre as diferentes vozes presentes.

A partir da leitura do artigo observa-se também uma tentativa aguçar nos moradores da comunidade um senso crítico mais apurado apresentando valores que eles possuem mais que são abafados pela sociedade que os reprime, como vemos nos escritos abaixo:

Com base nos princípios da pedagogia de Paulo Freire, eixo fundamental do projeto, argumenta-se aqui que, a partir do momento em que os moradores se redefinem como sujeitos históricos, se auto-pesquisam e produzem documentos (textuais, sonoros e audiovisuais) que conduzem à reflexão sobre si mesmos, mais que à triste contemplação de sua própria virtualidade, o direito à autoria coletiva, no sentido freireano de autonomia do pensar e fazer, se insinua como subversão da discussão hoje predominante centrada exclusivamente em noções de autoria como propriedade privada. (ARAUJO, et al., 2006. p. 13)

Em suma, uma relação de diálogo e conflito (GADOTTI, 1995), que tenta ser exposta de maneira coletiva através de debates onde a música atuaria como conexão. Entretanto esses encontros não se processam de maneira simples e comunicativa desde o início. Ocorrem como extensos períodos de silêncio significativo (FREIRE, 1981), quer dizer, por conta de inibição do diferente, no caso por intimidação, inibição ou mesmo receio, o diálogo se torna, num primeiro momento, mais um monólogo e, portanto, seu rendimento se apresenta deficiente. Essa resistência interna ao diálogo é bastante acentuada devido a diversos fatores onde o principal estaria pautado na violência simbólica constante. Só depois de superada essa parte, e depois de que os moradores começam a se enxergarem cidadãos ativos na sociedade, as vozes, vão aparecendo aos poucos (ARAUJO, et al, 2006).

Diferenciando o local trabalhado – Cachoeira (Bahia), uma área menos urbanizada do que a o Complexo da Maré, no qual o estudo de Samuel Araújo se dá - Francisca Marques utiliza algumas metodologias diferentes de trabalho. Entretanto, sem perder o foco de que “a etnomusicologia aplicada é de extrema importância e pode ser desenvolvida com sucesso se, realizada com um bom embasamento teórico e utilização de ferramentas que atraiam os pesquisadores” (MARQUES, 2008, p. 139).

O artigo dessa autora retrata experiências da mesma no LEAA (Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual) no recôncavo baiano. Através de uma perspectiva histórica, buscando mostrar diálogos e os anseios comuns de validação e continuidade dessa proposta foram compartilhados entre seus interlocutores. Esse trabalho é composto por uma “pesquisa sobre a música e a cultura do Recôncavo, a introdução de

membros da comunidade às práticas de pesquisa e documentação etnográfica e audiovisual e o incentivo à formação de lideranças comunitárias” (MARQUES, 2008, p. 131).

Inicialmente, a pesquisadora se valeu da utilização da aproximação, primeiro ao “acaso”, depois, seguida de curiosidade de ambos os lados. A partir de então, foram feitos estudos de campo, realizado por olhares externos e internos, sobre as festas religiosas locais, e, por fim, a documentação e exposição desse material (MARQUES, 2008, p. 130). Sua pesquisa foi realizada por conta da motivação da própria “professora” aliada a aos alunos, que foram motivados por verem sua realidade virando objeto de estudo. Aí está presente a ligação com o pensamento de Freire, quando ele relaciona a educação ao prazer e alegria (FREIRE, 1996) e essa forma de desenvolver o trabalho acabou resultando numa experiência que fez com que os pesquisadores (mesmo que não todos) continuassem nesse campo, e mesmo os que não deram prosseguimento, puderam, ao menos, participar de uma experiência educacional participativa e que trouxe resultados sociais imediatos e para a própria população.

Desse modo, Freire é citado no que diz respeito às práticas educativa, essas que teriam como premissas a liberdade e o maior comprometimento, além da “ousadia no cotidiano do educador/pesquisador para metodologias dialógicas” (MARQUES, 2008 p. 138). Schafer entra nessa pesquisa indiretamente quando ela afirma que “o fazer musical ou a composição de peças sonoras é um trabalho recorrente também nos programas que envolvem urbanidade e os estudos das cidades” (SCHAFER, 1997. p. 136), mesmo essa não sendo uma cidade bastante industrializada e com uma grande importância econômica. O importante, nesse caso, seria como analisar o modo de como é vista a prática musical pelos próprios moradores e por visões externas a esse meio.

Conclusões

Essa pesquisa não buscou apresentar os pressupostos de Freire e Schafer como únicas soluções possíveis para a geração de conhecimento, ou como “metodologias” fechadas, apenas quis demonstrar como, dependendo do contexto que ocorra o processo, eles podem ser úteis se trabalhados juntamente. Por isso, os dois exemplos debatidos podem ou não ser considerados “modelos”, pois, assim como tiveram resultados positivos em seus contextos, em outros podem se apresentar um fracasso, dependendo da interação do grupo.

Dessa forma, o conceito de paisagem sonora, utilizado como uma via de exploração das sonoridades locais, inicialmente, pode levar a pesquisas que ultrapassem a questão apenas musical ou acústica, desembocando em situações sociais mais profundas, que

façam com que tenha uma maior significação para todos os participantes, e uma estratégia que pode ser eficaz é a pesquisa ação participativa, onde o pesquisador desenvolve metodologias juntamente com o grupo, de forma horizontal e tendo a bagagem cultural dos integrantes como a principal ferramenta, tal qual propunha Paulo Freire. Os riscos são enormes, pois uma educação dialógica é passível de surpresas a qualquer momento, entretanto, esse desafio também pode se tornar um estímulo a ser vencido.

Referências

- ANTUNES, Jorge. Criatividade na Escola e Música Contemporânea. In: *Cadernos de Estudos: Educação*. Musical 1. São Paulo: Atravez. p. 53-61. 1990.
- ARAUJO, Samuel Et al. A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré. Rio de Janeiro. *Revista Transcultural de Música*. v. 10. p. 1-34. 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Paz e terra. São Paulo. 1987.
- _____. *Ação cultural para a liberdade*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1981.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários a prática educativa. Paz e terra. São Paulo. 1996.
- _____. GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sergio. *Pedagogia – diálogo e conflito*. Editora Cortez. São Paulo. 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez. 1995.
- MARQUES, Francisca. Educação comunitária como prática de etnomusicologia aplicada: reflexões sobre uma experiência no Recôncavo baiano. *REVISTA USP*, São Paulo, n.78. p. 130-138. 2008.
- SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. 2º edição. São Paulo. UNESP. 1991.
- _____. *A afinação do mundo*. 2º edição. São Paulo. UNESP. 1997.
- URIBE, Luis Guillermo Vasco. *Rethinking Fieldwork and Ethnographic Writing*. National University of Colombia. Translated by Joanne Rappaport. Georgetown University Collaborative Anthropologies, 2014.